

O presente número da revista *Visão Global* traz um conjunto de artigos com olhares diversos sobre temáticas desafiadoras no cenário das Ciências Humanas e, particularmente, para a educação. O mundo globalizado tem como esteio uma visão unilateral, sustentada na economia de mercado. Tudo parece resumir-se a quantidades. Desejamos dimensionar, ao infinito, os recursos da natureza, definir o grau de felicidade como que atrelada à quantidade de consumo. Decidimos valorizar o ser humano pela quantidade produtiva e, as metas que desafiam esse mundo mercantilizado e de consumo desenfreado, que precisam ser alcançadas, são expressas em quantidades. Reduzir o ser humano, a economia, os recursos naturais, a felicidade e o vir-a-ser a aspectos quantitativos são uma demonstração de incapacidade para perceber aquilo que não é quantificável. Reconhecer a existência desse reducionismo significa, também, reconhecer a fragilidade do conhecimento dos aspectos qualitativos, do próprio ser humano, da natureza e, porque não, da própria economia. Significa reconhecer o fosso profundo da ainda insistente separação entre as ciências humanas e as ciências técnicas e científicas.

Esse isolamento da ciência humana da ciência da técnica resulta, nos últimos anos, em situações de convivência e de projeção de futuro cada vez mais complexas e difíceis. A gravidade e a amplitude dos problemas, principalmente, os relacionados à convivência entre humanos é uma das implicações que mais chama a atenção.

Então, é fundamental reconhecer que a globalização contempla, no seu universo, a ideia da complexidade, ou seja, da multidiversidade. Um cenário que pode insistir no enfraquecimento da responsabilidade social e no enfraquecimento da solidariedade social. Para diminuir a aceleração desse processo é importante voltar a refletir sobre a condição humana, sobre as condições que favorecem a integração humana e, também, a integração dos conhecimentos, ainda tão dispersos. Perceber no ser humano a existência de dimensões que não são quantificáveis, como as paixões, os desejos e as necessidades. Importa reconhecer nossa profunda interdependência, com tudo e com todos, já que a identidade de humano, a identidade de cada ser humano, constitui-se por meio de múltiplos acolhimentos de outros em relação a nós e vice-versa.

O grande e sempre renovável desafio é o de como podemos mergulhar na globalização, tendo as Ciências Humanas e todas as suas implicações educativas,

como porta de diálogo para fertilizar as relações entre os humanos e também as suas relações com a tecnociência. Assim, cabe à educação o importante papel de ajudar a perceber a importância da economia, mas também revitalizar a importância da reflexão sobre as virtudes não quantificáveis dos seres humanos.

Tendo como suporte as Ciências Humanas, o presente número da Visão Global traz ao público um conjunto de artigos, os quais abordam um leque de temáticas referenciando um ser humano, não pronto e, por isso mesmo, necessitando de educação.

Sofia Isabel e Márcia Andréia nos convidam para um melhor entendimento do mundo infantil, particularmente das *Crianças privadas de meio familiar*. Rodrigo nos convida para um olhar sobre a Concepção Sistêmica e a teoria da Auto-organização como diferentes mananciais de compreensão dos seres vivos e, então, para uma reconceitualização dos processos educativos e de aprendizagem.

Edinaldo e Paulino fazem sua reflexão sobre o ser humano, considerando a força da cultura e da natureza, como espaços de interdições e conflitos. E, se o ser humano faz-se pelo e no conhecimento, mas não mais pelo conhecimento da representação e sim por meio do conhecimento participativo, Joel Felipe nos traz algumas perspectivas e desafios entre a ruptura epistemológica e a pesquisa participante. O texto de Olmaro referencia a importância da racionalidade dialética, um convite para compreender a importância do esclarecimento, mesmo que em seu teor exista uma nova possibilidade de submissão do ser humano moderno. Por último, Gilberto fala das heranças e direitos dos jovens do Contestado.

Agradecemos aos colaboradores, autores, pelas suas contribuições, fazendo votos de que as reflexões produzidas contribuam para que possamos avançar rumo a um entendimento de ser humano, tendo como princípio a complexidade e a interdependência em substituição ao simplismo reducionista.

Que a complexidade e a noção de interdependência possam perpassar o conjunto das atividades e intervenções educativas.

Aos leitores boa leitura e abertura para sugestões e contribuições.

Roque Strieder  
Editor